



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III**

**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE EM LETRAS PORTUGUÊS**

**FLAVIANO ANDRÉ DE FREITAS**

**SOCIOLINGUÍSTICA PARA AS DIFERENÇAS: UM ESTUDO EM TORNO DO  
SIGNIFICADO LINGUÍSTICO DE OFENSAS HOMOFÓBICAS**

**GUARABIRA  
2024**

FLAVIANO ANDRÉ DE FREITAS

SOCIOLINGUÍSTICA PARA AS DIFERENÇAS: UM ESTUDO EM TORNO DO  
SIGNIFICADO LINGUÍSTICO DE ÓFENSAS HOMOFÓBICAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Letras  
Português da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras Português.

**Área de concentração:** Sociolinguística

**Orientadora:** Prof. Dra. Anilda Costa Alves

**GUARABIRA  
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866s Freitas, Flaviano Andre de.

Sociolinguística para as diferenças [manuscrito] : um estudo em torno do significado linguístico de ofensas homofóbicas / Flaviano Andre de Freitas. - 2024.

52.p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Anilda Costa Alves, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Sociolinguísticas. 2. Resignificação. 3. Homossexuais Cis. 4. Expressões Linguísticas Homofóbicas. I. Título

21. ed. CDD 306.44

FLAVIANO ANDRÉ DE FREITAS

SOCIOLINGUÍSTICA PARA AS DIFERENÇAS: UM ESTUDO EM TORNO DO  
SIGNIFICADO LINGUÍSTICO DE OFENSAS HOMOFÓBICAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Letras  
Português da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras Português.

Área de concentração: Sociolinguística

Aprovada em: 06/06/2024.

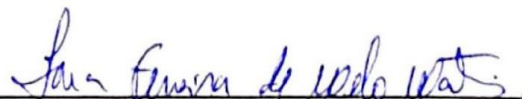
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dra. Anilda Costa Alves (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. André Luiz Souza-Silva  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter sido minha principal fonte de força e paciência durante todo o curso, sem ele não teria conseguido concluir a graduação.

Agradeço a minha família, por ter me dado todo o apoio necessário durante o percurso da minha vida acadêmica, desde o ensino fundamental até hoje.

Agradeço a Gerleyne Medeiros e Lívia Emily, vocês foram muito importantes durante todo o curso, os trabalhos em grupo, os surtos universitários e as disciplinas desafiadoras ficavam sempre mais divertidas com vocês. A cumplicidade, as risadas e a família que nós três nos tornamos estarão sempre em minha memória.

Agradeço aos amigos do transporte universitário, que foram companhias essenciais nas viagens diárias. Eram em média 3 horas de viagem todos os dias e as boas risadas, *playlists* animadas e as brincadeiras que sempre contagiavam todo mundo estavam presentes a todo o momento tornando tudo melhor. Um agradecimento especial a Fernanda Anolino, Izione Kezia e Andréia Fernandes, que sempre estiveram ainda mais próximas nas idas e vindas até a Universidade, vocês tornaram tudo mais leve.

Agradeço a todos os outros amigos que fizeram parte dessa jornada ou que entraram durante o caminho, aos que conheci graças aos projetos de protagonismo, aos da Universidade, e aos demais que compõem outros espaços importantes na minha vida, muito obrigado. Cito, com muito carinho, aos que de alguma forma contribuíram clareando minhas ideias ou que estavam sempre ouvindo minhas angústias durante esta pesquisa, são eles: Willyane Laysa, Yasmin Rodrigues, Henrique David, Gabryelle Alves, Ricardo Pereira e Carlos Santana.

Agradeço à professora Anilda por ter apresentado a área da sociolinguística e ter aceitado orientar este trabalho. Desde a primeira aula fiquei encantado com a sua forma de ministrar os conteúdos e como era simpática e compreensível com todos. Estive como monitor e apresentador de um dos seus eventos na Universidade e

aprendi muito durante o processo. Posteriormente, fiz parte de cursos de extensão e projeto de pesquisa não só para aprender os conteúdos que tanto me encantavam como fonética e fonologia, sociolinguística, entre outros, mas para aprender, também, como ser um bom profissional como a senhora.

Agradeço ao professor André Luiz, por ter sido uma inspiração para este trabalho. Suas pesquisas na área da sociolinguística e suas breves indicações durante um evento na Universidade foram essenciais para a construção de todo este trabalho.

Agradeço a todos os professores que passaram na minha vida, desde o ensino básico até a UEPB todos foram, de alguma forma, muito importantes para a construção do meu perfil profissional.

Agradeço a Luísa Sonza, Jão e Pablio Vittar, que através das suas músicas ajudaram-me a me concentrar na escrita e foram companhias diárias durante o processo de pesquisa.

Por fim, agradeço a banca avaliadora, por participarem deste momento tão importante na minha vida e por aceitarem avaliar meu trabalho.

*"Compreender o funcionamento da homofobia, sobretudo quando é evidente que o preconceito não só reside nos indivíduos, mas também se articula na cultura e nas instituições, é fundamental para aprimorar as formas de enfrentamento e desconstrução de suas práticas violentas e silenciosas."*

*(Borrilo*

*Daniel,*

*2010)*

## RESUMO

Considerando a língua como instrumento de comunicação que está sempre mudando, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar o significado que indivíduos heterossexuais cisgêneros e indivíduos homossexuais cisgêneros apresentam em relação aos vocativos e expressões linguísticas consideradas homofóbicas, de uso frequente, e que são utilizadas por ambos os grupos, mas com efeitos discursivos diferentes. O estudo tem como base os trabalhos desenvolvidos na área da Sociolinguística por Araújo (2016), Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Coelho *et al.* (2015), Freitag (2015), Labov (2008), De Oliveira e De Mendonça (2013); já para tratar sobre gênero/sexualidade, nos embasamos nos estudos de Borrilo (2010), Green (1999), Mikolsi (2017), Ladeira (2018), Souza-Silva (2022), Rodrigues (2023) entre outros autores. Como metodologia, o trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, através de um questionário disponibilizado pelo *Google Forms*, a fim de coletar e selecionar as respostas a serem analisadas para verificar motivações e por quem as palavras com maior incidência são consideradas pejorativas, assim como se o contexto em que são utilizadas influencia na atitude frente à(s) expressão(ões). Como principais resultados, identificamos que não houve diferença entre os termos colocados pelos participantes, mas que, de modo geral, todos concordam que o contexto influencia no significado social das palavras. Além disso, julga-se pertinente refletir sobre uma temática considerada ainda pouco explorada nos estudos linguísticos, a saber, o comportamento linguístico frente a grupos socialmente silenciados, ampliando, assim, o foco de investigação.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Expressões linguísticas homofóbicas. Homossexuais cis. Resignificação.



## ABSTRACT

Considering language as a communication instrument that is always changing. The present work aims to analyze the meaning between cisgender heterosexual individuals and cisgender homosexual individuals in relation to vocatives and linguistic expressions considered homophobic, frequently used, and which are used by both groups, but with different discursive effects. The study is based on the work developed by Araújo (2016), Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Coelho *et al.* (2015), Freitag (2015), Labov (2008), De Oliveira & De Mendonça (2013), now to talk about gender/sexuality Borrilo (2010), Green (1999), Mikolsi (2017), Ladeira (2018), Souza-Silva (2022), Rodrigues (2023) among others. As a methodology, the work uses a qualitative, descriptive approach, through a questionnaire made available by Google Forms, in order to collect and select the responses to be analyzed to verify motivations and by whom the words with the highest incidence are considered pejorative, thus as if the context in which they are used influences the attitude towards the expression(s). As main results, we identified that there was no difference between the terms used by the participants, but that, in general, everyone agreed that the context influences the social meaning of words. Furthermore, it is considered pertinent to reflect on a topic considered to be little explored in linguistic studies, namely, linguistic behavior towards socially silenced groups, thus expanding the focus of investigation.

**Keywords:** Sociolinguistics. Homophobic linguistic expressions. Cis homosexuals. Resignification.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos participantes homossexuais cis.....	30
Tabela 2 – Perfil dos participantes heterossexuais cis. ....	31

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Palavras/ expressões homofóbicas conhecidas pelos participantes.....	33
Quadro 2: O contexto influencia no significado das palavras? .....	37

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Conhecem a origem destas palavras? Homossexuais cis. ....	34
Gráfico 2 – Conhecem a origem destas palavras? Heterossexuais cis. ....	34
Gráfico 3 – Essas palavras são realmente homofóbicas? Homossexuais cis. ....	35
Gráfico 4 – Essas palavras são realmente homofóbicas? Heterossexuais cis. ...	36

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

Cis - Cisgênero

Hétero - Heterossexual

Homo - Homossexual

LGBTQIAPN+ - Lésbica, gay, bissexual, transexual, travesti, queer, assexual, pansexual, não binário e mais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 UMA BREVE ANÁLISE SOBRE ALGUMAS VERTENTES</b>	
<b>SOCIOLINGUÍSTICAS .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Sociolinguística dialetal .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 Sociolinguística educacional.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 Sociolinguística interacionista .....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 Sociolinguística variacionista.....</b>	<b>20</b>
<b>2.5 Sociolinguística para as diferenças .....</b>	<b>24</b>
<b>2.5.1 A teoria queer.....</b>	<b>26</b>
<b>2.5.2 Como a sociolinguística pode contribuir para a educação?.....</b>	<b>27</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>3.1 Participantes .....</b>	<b>30</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>33</b>
<b>4.1 O surgimento e a ressignificação dos termos mais frequentes .....</b>	<b>41</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A comunidade LGBTQIAPN+ no Brasil, e também fora dele, sofre preconceito diariamente. É lamentável (entretanto, comum) ouvir/ler relatos através dos noticiários, redes sociais, entre outros meios de informação de pessoas que foram agredidas, xingadas, menosprezadas e até mesmo mortas por serem quem são, por não seguirem um “padrão<sup>1</sup>” imposto por uma sociedade excludente como a nossa. A falta de conhecimento, a dificuldade em aceitar “o diferente” e a escassez de leis que protejam os referidos indivíduos são alguns dos principais fatores para o aumento da LGBTfobia no país.

É inegável que a língua muda constantemente e que ela é um dos fatores mais importantes para a construção de uma sociedade, conseqüentemente, é através dela que muitas destas agressões são proliferadas aos homossexuais. Palavras como “viado”, “bicha”, “poc” são rotineiramente utilizadas para se referir e ofender esse grupo minorizado. Porém, com o passar do tempo, os membros socialmente silenciados dessa comunidade vêm ressignificando e se empoderando desses termos, originalmente homofóbicos, utilizando-os entre si como uma forma de resistência e luta.

Sendo assim, nossa pesquisa irá tratar dos termos mais comumente usados por homossexuais cisgênero<sup>2</sup> e heterossexuais cisgênero para verificar a diferença existente nos usos de tais termos utilizados por ambos os grupos e de que forma o grau de ofensa muda a depender do contexto em que é produzido. Justifica-se esta pesquisa pelo pouco repertório acadêmico linguístico disponibilizado sobre o referido assunto. Além disso, trata-se de um caminho para dar voz àqueles que são silenciados e conhecer, mediante pesquisas, sobre o seu dialeto.

Temos como objetivo geral analisar o significado que indivíduos heterossexuais cisgêneros e indivíduos homossexuais cisgêneros apresentam em relação aos vocativos e expressões linguísticas consideradas homofóbicas, de uso frequente, e que são utilizadas por ambos os grupos, mas com efeitos discursivos

---

<sup>1</sup>Referimo-nos aqui a heterossexualidade como um “padrão” por ter sido assim que foi concebida durante muito tempo. Homem se relacionar com mulher e vice-versa era o que a sociedade permitia e aceitava como normal, o que estava além disso fugia desse “padrão” sexual imposto como regra.

<sup>2</sup>Cisgênero são indivíduos que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento, o qual é associado socialmente ao sexo biológico.

diferentes. Entre nossos objetivos específicos, estão: (i) verificar as possíveis existências de diferenças entre as palavras utilizadas pelos grupos; (ii) refletir sobre a influência que o contexto possibilita ao grau de ofensa dos vocativos; (iii) contextualizar o processo histórico dos termos mais frequentes.

Para alcançar os referidos objetivos, utilizaremos como fundamentação teórica os trabalhos desenvolvidos por Araújo (2016), Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Borrilo (2010) Coelho *et al.* (2015), Freitag (2015) Green (1999), Mikolsi (2017) Labov (2008), Ladeira (2018), Silva (2022), Oliveira (2013), Rodrigues (2023), dentre outros autores.

Como metodologia, o trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, através de dois questionários. Entretanto, ambos os questionários apresentam as mesmas perguntas disponibilizadas pelo *Google Forms*, diferenciando o público que irá responder. Assim, disponibilizamos um questionário para indivíduos heterossexuais cisgênero e outro para indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+ com enfoque nas respostas dos homossexuais cisgênero, a fim de coletar e selecionar as respostas a serem analisadas para verificar as motivações e por quem as palavras com maior incidência são consideradas pejorativas, assim como se o contexto em que são utilizadas influencia na postura frente à(s) expressão(ões).

Além dessa seção introdutória, o presente trabalho está dividido da seguinte forma: na Seção 2, trataremos da fundamentação teórica que embasou o estudo; em seguida, na Seção 3, traremos a metodologia do trabalho e os participantes; na Seção 4, apresentaremos os resultados da pesquisa e, para finalizar, na Seção 5, apresentaremos as considerações finais.



## 2. UMA BREVE ANÁLISE SOBRE ALGUMAS VERTENTES SOCIOLINGUÍSTICAS

Dentro da vasta área da Linguística, uma subárea vem se destacando muito nos últimos tempos, sendo foco de estudos de vários linguistas, capaz de reinventar como enxergamos a gramática normativa e o ensino de língua materna nas escolas brasileiras, trazendo em pauta a importância de valorizar o vernáculo da língua e de respeitar a pluralidade linguística do país, estamos nos referindo à Sociolinguística.

Apesar de ser considerada uma ciência recente, a Sociolinguística não é frágil a ponto de ser facilmente contrariada e possui uma grande e complexa fundamentação teórica. Porém, é necessário estar aberto a tudo que ela pode ensinar, assim como afirma Coelho *et al.* (2015), ao trazerem que devemos abandonar a ideia de que a língua é uma estrutura pronta e que não pode sofrer variação. Os autores enfatizam que a realidade das pessoas influencia em como elas veem e refletem a língua e como isso pode influenciar na sociedade.

Como toda área de pesquisa, a Sociolinguística apresenta diversas vertentes, com diferentes interesses de análise. Dentre essas subáreas, destacamos a sociolinguística dialetal, a sociolinguística educacional, a sociolinguística interacionista e a sociolinguística variacionista, as quais, de forma resumida, serão apresentadas a seguir.

### 2.1 Sociolinguística dialetal

No Brasil, a sociolinguística dialetal foi disseminada por grandes estudiosos, como Amadeu Amaral, Antenor Nascente e Mario Marroquim. Amadeu Amaral é o principal deles, considerado um dos fundadores, com um dos seus grandes trabalhos intitulado O Dialeto Caipira. Segundo Araújo (2016),

[o] Dialeto Caipira, publicado em 1920, é uma obra de referência na história da dialetologia brasileira, sua presença contribui para que alguns especialistas da área acentuassem a importância de uma nova orientação nos estudos da língua, a nosso ver, um verdadeiro acontecimento na história da linguística no Brasil. Um dos objetivos do autor era o de descrever o falar caipira em seus diferentes aspectos: fonético, lexical, morfológico e sintático, a fim de retratar de forma mais abrangente um falar regional brasileiro (Araújo, 2016, p.2).

Sendo assim, a sociolinguística dialetal, também chamada de dialetologia ou geolinguística, busca entender como a região que o indivíduo reside e o meio social influenciam na sua fala. É muito comum ouvirmos essa variação do “r caipira” trazida

por Amaral em comunidades mais interioranas de regiões específicas do Brasil, como Minas Gerais, por exemplo. Ou no Chico Bento, personagem da Turma da Mônica, do escritor Maurício de Sousa, que reside em uma vila fictícia do interior de São Paulo, e que também se engloba neste dialeto caipira.

De acordo com Marroquim (2008), existem vários dialetos ou subdialetos dentro do nosso imenso território. Sendo assim, não podemos imaginar que pessoas de regiões totalmente distintas falem exatamente da mesma forma, pois, apesar de ambas falarem português, existem fatores que influenciam no dialeto linguístico de cada região, como gírias, ditados populares, cultura, contatos linguísticos com povos de diversas origens e até mesmo questões socioeconômicas.

Além disso, existem os dialetos de outras línguas que circulam constantemente no nosso dia a dia. Diante disso, Sarian (2007) enfatiza que o dialeto não é uma característica que deva criar barreiras na nossa comunicação, mas que faz parte da construção da nossa língua. Dessa forma, fica evidente que a sociolinguística dialetal contribui para a valorização da riqueza dos diversos dialetos brasileiros sem impor uma prescrição no que tange aos usos linguísticos.

## **2.2 Sociolinguística educacional**

Como o próprio nome já incita, a sociolinguística educacional propõe um olhar mais atento do professor à variação linguística trazida pelos estudantes para dentro da sala de aula. De acordo com Hora (2021),

[q]uando Bortoni-Ricardo lança a proposta de uma Sociolinguística Educacional, ela defende que a tarefa dessa Sociolinguística não deve esgotar-se na descrição da variação nem na divulgação dos resultados obtidos... O que fica claro da proposta da Sociolinguística Educacional é que sua realidade é a sala de aula, e é na interação e no uso da língua que se pauta a sua prática, isso traz implícita a vivência do aluno em seu cotidiano (Hora, 2021 p. 32-33).

De acordo com a ideia citada, acima, o contexto dos estudantes em sala de aula deve ser levado em consideração no processo de ensino-aprendizagem, e os professores precisam ter consciência e formação qualificada para entenderem que, muito provavelmente, encontrarão uma grande variação linguística dentro da escola e que o respeito a esses diversos usos linguísticos precisa ser trabalhado, mas não como um conteúdo específico, em um pequeno recorte de tempo ao longo do ano

letivo, mas que deve-se fazer presente sempre que houver a necessidade para a abordagem de tal discussão.

Isso não significa que o professor não deve ensinar a gramática normativa, pois ela faz parte da vivência em sociedade, através dos livros, provas, documentos, currículos, entre muitos outros processos que são realizados dentro da escrita formal, mas ainda mostra-se relevante proporcionar ao estudante o conhecimento de que os diferentes aspectos que influenciam a variação na fala e até na escrita é inerente à língua em uso. E negar a importância desse ensino seria negar a possibilidade de permitir que os indivíduos tenham acesso a níveis mais elevados de formação educacional/acadêmica.

Esse trabalho de conscientização pode permitir a compreensão por parte dos estudantes que a variação se dá em diferentes espaços e é motivada por diferentes fatores, assim como afirma De Oliveira e De Mendonça (2013):

vale ressaltar a necessidade de o estudante ter consciência de que o português sofre mudanças cujas causas estão concentradas em aspectos sociais, econômicos, históricos, regionais, étnicos dentre outros. Somente a partir de atividades que revelem essa verdade é que o aluno compreenderá que a língua é constituída por uma estrutura variacional e, conseqüentemente, aprenderá a usá-la segundo critérios adequados a contextos interacionais específicos (De Oliveira e De Mendonça, 2013, p.78).

Sendo assim, essa vertente possibilita ao estudante a compreensão da língua como um sistema heterogêneo. Além disso, essa perspectiva de ensino também é encontrada dentro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao trazer que:

[c]abem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (Brasil, 2018, p 81).

Sendo a BNCC um valioso instrumento para a construção de um sistema educacional inclusivo, amplo e igualitário, é importante que todos os educadores entendam e compartilhem da importância das suas prescrições em todas as áreas, inclusive a sociolinguística.

Portanto, a sociolinguística educacional traz em sua teoria a necessidade de a/o profissional docente ter uma formação completa, especificamente em relação à língua, para entender a existência da variação linguística e que ela precisa ser

respeitada, assim como, conseqüentemente ensinar aos seus estudantes a importância de eles também respeitarem a maneira de falar de cada indivíduo, e adequarem a fala a depender da necessidade específica.

### **2.3 Sociolinguística interacionista**

A sociolinguística interacionista busca investigar a presença da variação linguística dentro do cotidiano do indivíduo. De acordo com Witkowsk (2013),

[o] conceito de Sociolinguística Interacional ou Sociointeracionismo surgiu na década de 1970 e foi apresentado pelo linguista americano John Joseph Gumperz. Em seus estudos, Gumperz (2001) defende uma base teórica multidisciplinar apoiada nas áreas da linguística, da antropologia e da sociologia. Porém, segundo o linguista, foi o filósofo Paul Grice quem iniciou esse estudo da comunicação falada por uma perspectiva verdadeiramente social, enfatizando a cooperação conversacional como pré-condição para a compreensão (Witkowsk, 2013, p.80).

Entende-se, portanto, que a sociolinguística interacionista vai além dos aspectos sociais que podem influenciar na fala dos indivíduos, ela perpassa, principalmente, pela comunicação face a face e como ela ocorre, os gestos, expressões faciais entre outros fatores que estão presentes no nosso cotidiano comunicativo. Além disso, ela analisa o discurso que cada falante expressa e o que cada um entende a partir do conhecimento prévio adquirido ao longo do tempo, ou seja, o que se é dito e compreendido vai muito além de elementos segmentais da língua, tais como fonemas, sílabas, palavras, frases.

Uma característica forte da sociolinguística interacionista é entender como a cultura está relacionada à construção da língua, assim como qual dialeto terá maior prestígio dentro de um determinado contexto social. Ou seja, por se tratar de uma vertente que investiga e valoriza o vernáculo, talvez a utilização da prescrição linguística considerada normativa não seja a de maior relevância do contato face a face entre as pessoas, visto que, é uma padronização considerada inalcançável e de pouca importância para o meio informal.

### **2.4 Sociolinguística variacionista**

A sociolinguística variacionista é ligada diretamente a William Labov, pois, ele desenvolveu um modelo que analisasse a relação entre língua e sociedade. Segundo Salomão (2011),

[o] modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, também denominada Sociolinguística Quantitativa, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados, é atribuído a William Labov, que, insistindo veementemente na relação entre língua e sociedade, criou um modelo de análise que possibilitasse a sistematização da variação existente na língua falada (Salomão, 2011, P.190).

Mesmo sendo um dos nomes mais conhecidos quando o assunto é Sociolinguística, Labov não foi o primeiro a trazer o conceito do social como fator que influencia a linguagem. Antes do referido linguista houve o francês Meillet, considerado discípulo de Saussure, e o também francês Émile Durkheim, que também foi uma inspiração para Meillet, e esse conseqüentemente foi considerado uma referência para a sociolinguística laboviana, conhecida também como sociolinguística variacionista.

O método de pesquisa realizado por William Labov consistia em verificar a estratificação do social em sons de “R” em lojas de Nova Iorque. Para isso, ele visitou três lojas fingindo ser um cliente e gravava a fala dos funcionários para serem analisadas posteriormente. Ficou evidente que os funcionários “adequavam” a forma com que eles falavam a depender do público que estavam atendendo, segundo Labov (2008),

[o]s falantes de classe média alta que agora mudam para (r-1) em estilos formais abandonaram sua norma de prestígio e estão respondendo à forma usada por falantes mais jovens de maior status com os quais entram em contato. Por outro lado, muitos falantes de classe média alta aderem à sua norma original, em desafio à tendência predominante. O padrão que observamos na pesquisa das lojas de departamentos é, portanto, um reflexo da insegurança linguística da classe média baixa, o que levou a geração mais velha a adotar a norma mais recente de (r-1) em detrimento da norma mais antiga. O processo de socialização linguística é mais lento para a classe média baixa, que não vai para a faculdade, do que para os falantes da classe média alta, que começam a se ajustar à nova norma nos últimos anos da escola secundária. Aqueles que não seguem essa trilha demoram dez ou vinte anos para desenvolver a sensibilidade máxima à organização hierárquica da linguagem formal em sua comunidade (Labov, 2008, p.86).

Sendo assim, Labov é considerado um dos precursores da corrente de estudos denominada Sociolinguística por ter criado um método que permitisse entender como funciona o vernáculo da língua, ou seja, a língua de sua forma mais pura, sem nenhum tipo de monitoramento. Dessa forma, é possível analisar quais fatores sociais influenciam diretamente na forma que nos comunicamos e como

emergem as mais diversas formas de preconceito que se materializam no discurso de alguns indivíduos.

Existem quatro construtos importantes quando falamos sobre sociolinguística laboviana. São eles: **variedade**, **variação**, a **variante** e a **variável**, vamos explicar de forma sucinta cada um deles.

No que tange à **variedade**, caracteriza-se como um aspecto que mostra e explica como os falantes falam tão iguais e tão diferentes ao mesmo tempo, ou seja, como os falantes do sul e do nordeste do Brasil são semelhantes e ao mesmo tempo discrepantes quando o assunto é a oralidade, por exemplo. Isso ocorre apesar de ambos os indivíduos das referidas comunidades falarem português. Entretanto, a influência do regionalismo faz com que pareça tão diferente. Vale ressaltar que isso não está ligado somente aos aspectos geográficos, mas de como os aspectos sociais, tais como escolarização, classe social, profissão entre tantos outros, influenciam na forma como falamos.

Com relação à **variação**, trata-se de um processo em que formas diferentes de se relacionar a uma mesma coisa ocorrem no mesmo espaço, com o mesmo valor de verdade, como por exemplo, é comum ouvirmos gaúchos falando “bergamota” enquanto em outras regiões utiliza-se, para o mesmo referente “mexerica”. Essa é a variação diatópica (geográfica no nível lexical). Além dela, existe a variação diacrônica (histórica), variação diastrática (grupos sociais) e variação diafásica (situações mais e menos formais).

Quanto à **variante** e a **variável**, traremos as ideias de Coelho *et al.* (2015) ao estabelecerem que

[c]hamamos de variável o lugar na gramática em que localizamos variação, de forma mais abstrata – no caso, a variável com a qual estamos lidando é a da expressão pronominal da segunda pessoa do singular. Chamamos de variantes dessa variável as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável – no caso, os pronomes tu e você (Coelho *et al.* 2015, p.17).

Ou seja, de maneira mais acessível, **variável** é onde temos na gramática a disposição da variação, enquanto **variantes** são as formas que cada um de nós utilizamos e que concorrem por um espaço dentro dos usos linguísticos.

Sendo assim, é evidente que existem vários determinantes dentro do contexto social que implica diretamente na maneira como nos comunicamos. Questões

geográficas, grau de escolarização, grau de intimidade, classe social, entre muitos outros aspectos.

Retornando ao estudo desenvolvido por Labov, visto que o referido linguista é considerado o marcante nos estudos com base nas três ondas variacionistas. Entretanto, segundo Veloso (2014) foi Eckert (2003, 2005, 2006, 2010, 2012) que retornou com os estudos, Veloso diz

Apesar de ter se revelado como um fator determinante nas análises sociolinguísticas iniciais, o estilo foi praticamente excluído das pesquisas posteriores aos primeiros estudos realizados por Labov (Cf. 2008 [1972]). Somente a partir da última década, influenciados sobremaneira pelas reflexões de Eckert (2003, 2005, 2006, 2010, 2012) e a sua proposta de estudo da variação, os pesquisadores voltaram a olhar para este fator. (Veloso, 2014, p.1741)

Segundo Oliveira (2022) a primeira onda variacionista cuidou de analisar a variação intrasujeito como consequência de um monitoramento, ou seja, de como a forma como falamos muda quando estamos controlando-a ao máximo, a depender do contexto que estamos inseridos.

Esses estudos permitiram também a identificação de um vernáculo da língua pessoal, de que ultrapassa o vernáculo da comunidade que fazemos parte, cada um de nós possui um próprio vernáculo, uma maneira pessoal de falar decorrida de uma série de fatores sociais como idade, sexualidade, e a comunidade a nossa volta cria um tipo de perfil linguístico em cada ser humano.

De acordo com Veloso (2014) os estudos da segunda onda variacionista têm como base os estudos etnográficos, visto que

[a] segunda onda caracteriza-se pelas pesquisas de cunho etnográfico, que fornecem um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, situadas em comunidades menores, assumem valor social relativo à dinâmica local. Eckert (2005) afirma que os estudos etnográficos trouxeram-nos uma visão mais clara de como as formas de falar estão imbuídas de significado local (Veloso, 2014, p.1743).

Ou seja, essa onda revela em seus estudos como os costumes, crenças e as tradições sociais fazem parte da construção de como nos comunicamos. Além disso, esse estudo revela que, apesar de normalmente as falas fora de um “padrão social” sofrerem uma estigmatização, nos casos destes estudos isso não acontece, pois o vernáculo da comunidade é mais valorizado.

A terceira onda, diferente das duas anteriores, identifica que “o significado da variação é essencial à língua” (Oliveira, 2022). Entende-se, portanto, que os estudos

desta onda veem que esse significado está ligado ao padrão linguístico utilizado pelos falantes. Dessa forma, o foco na prática estilística observa os falantes como indivíduos que constroem diariamente seu dialeto a partir do contexto social + fatores sociais + significado social.

Concluimos, portanto, esse primeiro exposto sobre algumas vertentes sociolinguísticas mostrando que apesar de haver vários segmentos, a sociolinguística investiga, de modo geral, como os aspectos sociais estão diretamente atrelados à variação dentro do sistema linguístico e como esses meios de pesquisa são importantes para difundir a temática acerca do preconceito linguístico.

Nossa linha de pesquisa neste trabalho seguirá a luz dos estudos da terceira onda variacionista, visto que ela permite investigar o contexto social, os fatores sociais e o significado social inseridos nas práticas linguísticas dos falantes.

## **2.5 Sociolinguística para as diferenças**

Quando aprendemos que a língua é viva e que o contexto influencia na forma como falamos, devemos imaginar como as palavras se comportam a depender de quem as utiliza, ou seja, se uma palavra tem o significado alterado quando utilizada por pessoas diferentes e em contextos diferentes. De acordo com a norma, isso não poderia acontecer, pois, um significado não pode ser alterado pelo social, mas no escopo da variação linguística, isso é possível.

Essa resignificação fica ainda mais evidente dentro dos estudos da terceira onda variacionista. Como já citado na presente pesquisa, a referida vertente de estudos busca, principalmente, pelo significado social das palavras que podem ser alterados mais especificamente/ comumente pela variante sexo/ gênero, assim como afirma Freitag (2015, pág 37), a diferença das ondas anteriores é inverter a ordem da pergunta “não mais buscar correlação entre padrão linguístico e as categorias sociais, mas identificar as categorias sociais que atuam no padrão linguístico.”

Trazendo os estudos da terceira onda para dentro da comunidade LGBTQIAPN+, é possível observar que há uma gama de variedades linguísticas utilizadas pelos falantes. Algumas dessas variedades foram criadas pelos próprios indivíduos pertencentes à referida comunidade, outras variedades decorrem do



processo de empoderamento de seus indivíduos. De acordo com Souza-Silva (2021, pág 38),

[n]os estudos de terceira onda, compreendemos que é possível instaurar uma abordagem predominante ou puramente qualitativa, especialmente no que tange aos estudos sobre a linguagem de LGBTQIAPN+, interessando-nos mais pelas crenças, valores, estigmas, prestígios, discriminação e empoderamento a partir do que os falantes avaliam sobre si, sobre o outro e suas variantes linguísticas (Souza-Silva, 2021, p. 38).

Sendo assim, é possível observar que os estudos desta onda permitem uma análise mais aprofundada acerca do que está dentro do contexto social linguístico relacionada à variante gênero/sexo<sup>3</sup> e como uma atribuição de valor divergente para a mesma variante pode acontecer apenas quando a única diferença entre dois indivíduos é a sua sexualidade.

Um exemplo claro dessa divergência de valor é o dialeto Pajubá, frequentemente utilizado por membros da comunidade LGBTQIAPN+ e que serve como um tipo de código para a comunicação entre eles. Segundo Rodrigues (2023), o Pajubá nasceu através da fusão entre palavras utilizadas por grupos escravizados da África Ocidental trazidos para o Brasil e que era, e ainda é muito utilizado por membros de religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, espaços comumente frequentados por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ por se tratar de um espaço acolhedor para minorias, e que conseqüentemente aderiram ao dialeto e o levaram para outros espaços sociais.

Quando analisamos o significado da palavra “babado” no dicionário Júnior de língua portuguesa desenvolvido por Mattos (2010) e no dicionário Pajubá Palmense desenvolvido por Rodrigues (2023), por exemplo, podemos notar diferenças de significado. No primeiro, “babado” de acordo com Mattos (2010, p. 96) significa “1.0 Tira de tecido cheia de dobras usada para enfeitar roupas. Já no segundo, “babado” de acordo com Rodrigues (2023, p. 15) significa “1. fofoca.” “2. Algum acontecimento inédito”. Podemos notar que o contexto está presente na construção social dos significados das palavras, pois, se construiu a partir uma vivência

---

<sup>3</sup>Segundo Dorlin (2021), “Sexo, em geral, designa três coisas: o sexo biológico, tal como atribuído no nascimento – macho ou fêmea – o papel ou o comportamento sexual que supostamente corresponde ao sexo biológico; o gênero, provisoriamente definido como atributos femininos e masculinos – e que diversas formas de socialização e educação dos indivíduos produzem e reproduzem; e, por fim, a sexualidade, isto é, o fato de ter uma sexualidade, de “ter” ou “fazer/” sexo.” (Dorlin, 2021, s/p)

popular. Originalmente, “babado” de acordo com a gramática normativa tinha um significado, com o passar do tempo, em outro contexto, ganhou um outro significado.

### 2.5.1 A teoria Queer

Diferentemente do movimento homossexual que luta por espaço e representatividade de um grupo específico, os queer vão além, lutando para que seus valores também sejam respeitados e que possam viver suas particularidades como quiserem. Além disso, os queer também questionam e fazem um processo de desmistificação sobre o que é “normal” e o que é “anormal”, sobre o que é “masculino” e o que é “feminino” já que, para os idealizadores dessa teoria, como a filósofa norte-americana Judith Butler, o gênero e a sexualidade são, em parte, uma construção social. De acordo com Mikolsi(2017),

[e]nquanto o movimento homossexual apontava para adaptar os homossexuais às demandas sociais, para incorporá-los socialmente, os queer preferiam enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável. Enquanto o movimento mais antigo defendia a homossexualidade aceitando os valores hegemônicos, os queer criticam esses valores, mostrando como eles engendram as experiências da abjeção, da vergonha, do estigma (Mikolsi, 2017, s/p).

Portanto, fica evidente o quanto essa abordagem abrange mais pluralidades, não que discorde ou vá contra os movimentos que já existem, mas vai mais a frente por entender que o gênero e a sexualidade perpassam a questão hetero/homo.

A teoria queer também está interessada em como as identidades de gênero, de sexualidade, cor, raça, religião, classe social, condicionamento físico, entre outros aspectos, estão interligados, ou seja, como essas condições são construídas e como podem sofrer marginalização. Outro ponto importante sobre as pesquisas da referida teoria é a questão do ato de se empoderar do que antes existia como uma ofensa, o próprio nome “Queer” significa “estranho”.

Dessa forma, por exemplo, quando homossexuais são chamados de “bicha” por pessoas que querem ofendê-los, assumem sua posição e gritam “sou bicha sim!”. Esse é mais um ato de luta, resistência e coragem dos homossexuais e das pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ como um todo. Empoderar-se é assumir tudo aquilo que por anos foi feito para lhe menosprezar e usar a seu favor, tornar aquele

adjetivo, que antes era negativo, em positivo, é não dar espaço para nenhum tipo de preconceito.

Quando nos referimos à língua e aos significados das palavras dentro desta teoria, chegamos à Linguística Queer, que tem como objetivo principal, segundo Borba (2015, p.100), “investigar como indivíduos considerados não normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la em suas performances linguísticas.” Ou seja, se há um padrão linguístico que foi construído por indivíduos que seguiam um padrão heteronormativo, como pessoas que não seguem esse padrão irão se comportar em relação a isso? Haverá ressignificações? Luta por representatividade também na fala? Ou esse padrão será simplesmente seguido?

Sendo assim, a linguística e a teoria queer se encontram quando ambas questionam e estudam os padrões sociais que influenciam a nossa fala. Dessa forma, a linguística queer vem para além da linguística tradicional que se restringe a um grupo dominante e que representa apenas alguns indivíduos, trazendo respostas sobre como a sexualidade e o gênero são, também, fatores determinantes na forma como nos comunicamos.

### **2.5.2 Como a sociolinguística pode contribuir para educação?**

Quando observamos uma sala de aula, normalmente, o primeiro fator que nos chama atenção é a diversidade. Estudantes com diferentes corpos, estilos, pensamentos, histórias, tudo isso, e muito mais, faz parte da vida do professor em sala de aula e de como ele irá organizar seu planejamento didático. Ora, um professor ensina muito mais que apenas os conteúdos disciplinares. Ele ensina sobre respeito, empatia, solidariedade e entre muitas outras habilidades. O professor de língua portuguesa, especificamente, precisa trabalhar, além de tudo isso, algo muito importante e que para alguns pode parecer um grande desafio, estamos falando do preconceito linguístico.

Em adição a todos os diversos usos linguísticos, está também a variação linguística que é marcada pelos mais diversos fatores na sala de aula, tais como idade, regionalidade, gênero, sexualidade, classe social entre outros. Um ensino de língua portuguesa que apresente e valorize essa variação é de suma importância para o combate ao preconceito linguístico, assim como afirma Bagno (2008):

[a] variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes (Bagno, 2008, p. 16).

Sendo assim, é papel do professor de língua portuguesa apresentar a variação linguística como um fenômeno natural à língua. Inclusive, quando nos referirmos ao preconceito linguístico estamos nos referindo ao ato de desprestigiar um modo de falar apenas por ela não seguir a norma considerada padrão. Ademais, cometer esse tipo de preconceito é tão prejudicial como qualquer outro, pois, pode ferir diretamente a identidade linguística do falante.

Ancora-se também, na BNCC, a variação linguística como um dos campos dos conhecimentos linguísticos que o estudante deve desenvolver. Segundo a BNCC (2018),

[c]onhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (Brasil, 2018, p 83).

Dessa forma, o educador contemplará os ideais da BNCC em torno da variação linguística, apresentará aos estudantes os principais fatores que estão ligados à comunicação social sem monitoramento, ou seja, o vernáculo da língua, e contribuirá para a formação gramatical, literária e linguística de seus alunos.

Entretanto, essa valorização da variação linguística não significa que se deve apagar a gramática normativa, pois, ela é muito necessária para a vida dos estudantes, principalmente quando nos referimos à vida acadêmica e profissional. Esse é um processo de mudança na forma como cada conteúdo é abordado pelo professor em sala. Porém, não é apenas sobre substituir uma gramática por outra, assim como afirma Bortoni-Ricardo (2005):

[n]ão basta, por exemplo, escrever uma gramática variacionista e entregá-la ao professor, pois, estaríamos simplesmente substituindo a gramática normativa que ele já usa por outra, onde os fenômenos da língua não são tratados como categóricos, mas vêm acompanhados das probabilidades de sua ocorrência de acordo com os fatores que os desencadeiam ou os inibem. É uma falácia acreditar que, com uma gramática de cunho

variacionista, o ensino e a aprendizagem da língua materna vão automaticamente melhorar. O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral (Bortoni-Ricardo, 2005, P.130).

Portanto, entendemos que, sim, a sociolinguística pode contribuir com a educação no combate ao preconceito, na valorização cultural, no respeito às diversidades e principalmente na formação integral dos alunados. Todo preconceito é prejudicial, ainda mais o preconceito linguístico, pois, assim como afirma Bagno (2008), é um preconceito “invisível”. Assim sendo, ele deve ser combatido diariamente, e sendo o professor de língua portuguesa referência no assunto, deve-se tomar uma postura flexível frente à variação linguística dentro de sala de aula tornando, assim, o ambiente um espaço acolhedor.

Dessa forma, a sociolinguística traz suas contribuições no âmbito educacional na medida em que apresenta para o docente caminhos para o desenvolvimento de um trabalho pautado, também, no estudo da variação linguística com seus estudantes, e conseqüentemente aos estudantes, apresentando como a língua é rica e vai muito além da gramática normativa.

Nessa seção, tratamos do referencial teórico utilizado na presente pesquisa. Primeiramente, discutimos sobre algumas vertentes sociolinguísticas; em seguida, apresentamos como uma mesma palavra pode ter um efeito discursivo diferente que é influenciado pelo contexto; logo depois, trouxemos a teoria queer como movimento de empoderamento e finalizamos trazendo uma reflexão sobre como a sociolinguística pode contribuir para a educação, principalmente no combate ao preconceito linguístico. Após isso, na seção a seguir, trataremos do percurso metodológico abordado para alcançar os objetivos do estudo.

### 3. METODOLOGIA

Projetando a melhor maneira de alcançar nossos objetivos, optamos por uma pesquisa qualitativa, que nos permite aprofundar na reflexão em relação aos conceitos e aos fenômenos sociais aqui expostos. Além disso, esse método abrange o discurso do participante da pesquisa na prática, que é justamente o que estamos propondo neste trabalho.

Para analisarmos os dados obtidos na pesquisa, utilizamos de uma análise descritiva, visto que estamos analisando a fala de indivíduos pertencentes a dois grupos diferentes e como os fatores sociais, que no nosso caso é a sexualidade, podem ou não influenciar na maneira como eles falam.

Como maneira de receber as respostas para construção do nosso trabalho, criamos dois formulários, pela plataforma *Google Forms*, que estão disponíveis ao final deste trabalho nos Apêndices A e B, os quais foram disponibilizados através das redes sociais e grupos de *WhatsApp*. Apesar de serem dois questionários, ambos possuem as mesmas perguntas, a única diferença é o grupo que está respondendo. Sendo assim, um formulário foi destinado a pessoas que se identificavam como LGBTQIAPN+ e outro formulário foi destinado a pessoas que se identificavam como heterossexuais cisgênero.

#### 3.1 Participantes

No questionário disponibilizado para pessoas héteros cis, recebemos um total de 30 respostas. Já no formulário para pessoas LGBTQIAPN+, recebemos um total de 37 respostas, totalizando 67 respostas dos dois questionários.

Para realizar um recorte mais bem trabalhado, selecionamos 10 respostas de cada grupo de indivíduos. Como o foco da pesquisa é ligado às expressões homofóbicas mais utilizadas, no grupo de indivíduos LGBTQIAPN+ selecionamos apenas as respostas de homens *gays*, em relação ao grupo hétero o gênero não foi um fator trabalhado. Todos os participantes são moradores do Estado da Paraíba e têm entre 20 e 25 anos de idade. Foi selecionado indivíduos nessa faixa etária de idade para que as expressões a serem colocadas por eles na pesquisa refletissem sobre sua construção social.

Assim dizendo, indivíduos que nasceram na virada do milênio e que foram influenciados socialmente por vários fatores como: internet, movimentos a favor e contra a comunidade LGBTQIAPN+, o crescimento da representatividade em espaços que não pertenciam aos grupos que eram silenciados, o falar politicamente correto que ganhou força nos anos 2000 e assim por diante. Todos esses, entre muitos outros, são fatores que influenciam na construção da nossa língua e consequentemente na percepção/atitudes frente ao preconceito.

Dessa forma, trabalhar com as respostas de participantes entre 20 e 25 anos permitiu que a investigação em torno desses termos homofóbicos ficasse o mais atualizado possível. Além disso, foi possível mapear se pessoas ainda tão jovens carregam ou não preconceitos em relação à homossexualidade.

Vejam os perfis dos participantes homossexuais na Tabela 1 e dos participantes heterossexuais na Tabela 2.

**Tabela 1: Perfil dos participantes homossexuais cis**

<b>Cidade</b>	<b>Idade</b>
João Pessoa	25
Bayeux	21
Campina Grande	20
Cuité	22
João Pessoa	21
Borborema	22
Barra de São Miguel	22
João Pessoa	21
Dona Inês	24
Bananeiras	20

Fonte: o autor (2024)

**Tabela 2: Perfil dos participantes heterossexuais cis**

<b>Cidade</b>	<b>Idade</b>
João Pessoa	20
Cacimba de Dentro	22
Cacimba de Dentro	21
Cacimba de dentro	25
Itabaiana	23
Cacimba De Dentro	21
Pilões	23
Mulungu	24
Guarabira	21
Cacimba de Dentro	20

Fonte: o autor (2024)



#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, iniciaremos apresentando o recorte dos participantes e suas especificidades. Em seguida, analisaremos as respostas dos grupos refletindo sobre como a homofobia está ligada às palavras e ao contexto social e finalizaremos com um breve percurso histórico e as ressignificações das palavras mais recorrentes trazidas pelos participantes da pesquisa. Após isso, na próxima seção, traremos os apontamentos finais do trabalho.

Foi solicitado que os participantes listassem as palavras/ expressões homofóbicas que eles conhecessem. Vejamos as respostas no Quadro 1.

**Quadro 1: Palavras/ expressões homofóbicas conhecidas pelos participantes**

Indivíduos heterossexuais cis	Indivíduos homossexuais cis
Viado, Bicha, Poc, Mulherzinha, "essa coca é fanta", "24"	boiola, baitola
Boiola, baitola, traveco, viado...	Viado, bicha, viadinho.
Viado , baitola, verme	Bixinha, Boiola, Viadinho, Doente
Viado , bicha , baitola	Viadinho, bichinha, "coisa de viado"
Viado	Boiola ,viadinho , bicha , baitola
Viado, bixinha, sapatão	Veado, bicha, bichinha, maricas, fresco
Bicha, viado, biba...	viadinho, bichinha, mulherzinha
Viadinho, bichinha, biba.	São tantas, mas as mais comuns são "viado" e "bicha".
Viado, Bicha	Bixinha; Frango; Veado.
Baitola, fresco	Viado, bichinha, mariquinha, viadinho, desmunhecado...

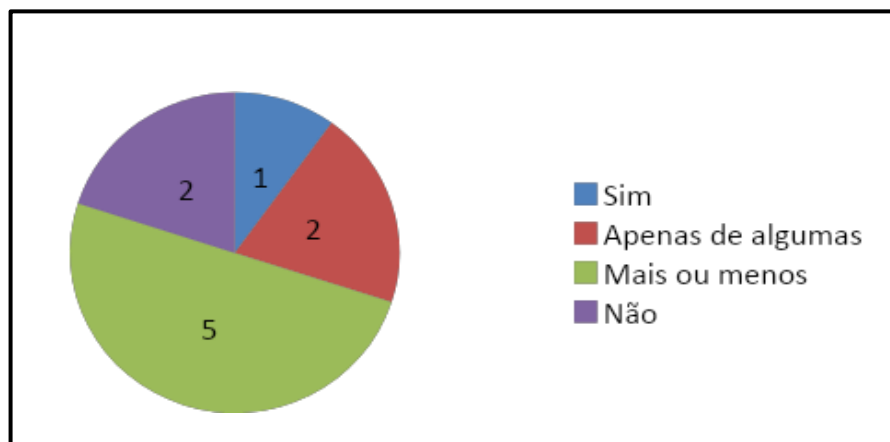
Fonte: o autor (2024)

Ao se analisar o Quadro 1, é possível notar que ambos os grupos compartilham de expressões homofóbicas semelhantes que conhecem, e que “viado”, “bicha” e “boiola/ baitola” são as mais recorrentes. Notamos, também, que a sexualidade não influenciou no conhecimento dos participantes em relação a tais expressões.

Nesse caso, podemos considerar que as referidas expressões são utilizadas por todos os indivíduos de maneira geral, independentemente de questões relacionadas ao gênero/sexualidade. Entretanto, vale ressaltar que aqui questionamos apenas sobre as expressões homofóbicas conhecidas pelos participantes, não levando em consideração (ainda) se o contexto influencia nos significados das referidas palavras.

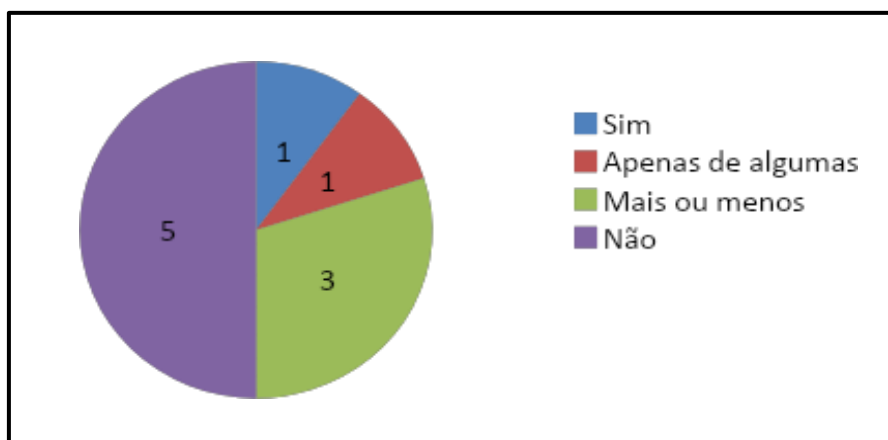
Em seguida, foi questionado aos grupos se eles conheciam a origem destas palavras/expressões. Observemos nos Gráficos 1 e 2 as respostas:

**Gráfico 1: Indivíduos homossexuais cis**



Fonte: o autor (2024)

**Gráfico 2: Indivíduos heterossexuais cis**



Fonte: o autor (2024)

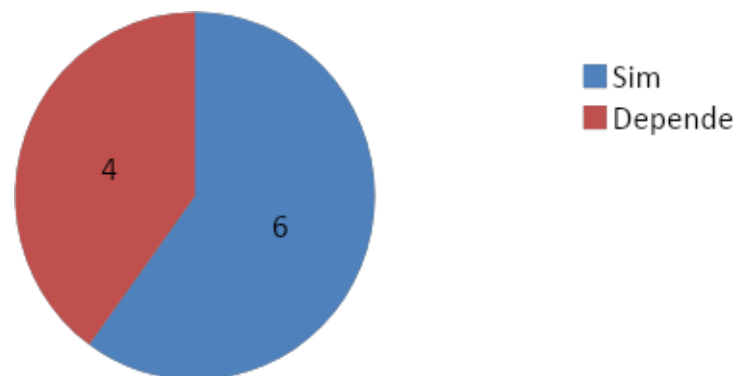
No Gráfico 1, a maior parte do grupo de homossexuais cis afirma conhecer “mais ou menos” a origem das palavras consideradas homofóbicas, o que pode significar que conhecem de algumas palavras, mas de outras não. Já a maior parte do grupo de indivíduos heterossexuais cis afirma que “não” conhece a origem das palavras consideradas homofóbicas, ou seja, apesar de conhecê-las, ou até mesmo usá-las, eles não sabem de onde surgiram.

Esse cenário de proferir determinados termos sem conhecer o seu significado é muito comum entre o público jovem. Gírias da internet, a prática do neologismo, assim como, do estrangeirismo, entre outros fatores, estão inteiramente ligados a esse cenário.

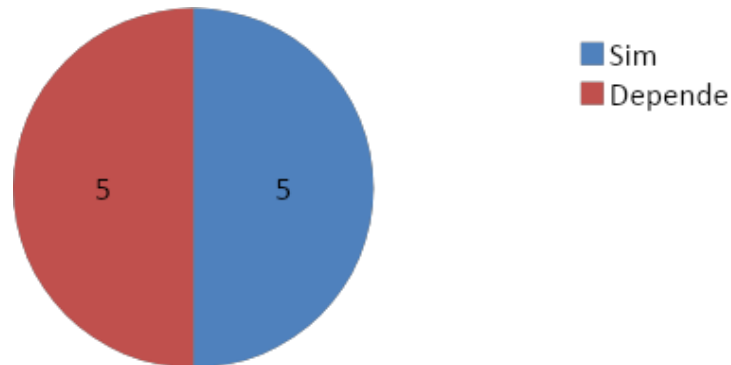
Entretanto, essa prática pode levar o falante a passar por uma situação constrangedora, já que o fato de não conhecer o significado de uma determinada expressão pode causar um desconforto comunicativo. Logo, essa situação também pode fazer o falante cometer algum tipo de preconceito.

Foi questionado também aos grupos se as expressões que eles colocaram são realmente homofóbicas. Observemos as respostas dos grupos abaixo:

**Gráfico 3: Indivíduos homossexuais cis**



Fonte: o autor (2024)

**Gráfico 4: Indivíduos heterossexuais cis**

Fonte: o autor (2024)

Ao se analisarem as respostas concedidas pelos participantes nos Gráficos 3 e 4, percebemos que 6 dos 10 participantes do grupo afirmaram que as expressões que eles conhecem são realmente homofóbicas, enquanto no grupo hétero, 5 dos 10 participantes afirmaram também que as palavras estabelecidas por eles são consideradas realmente homofóbicas. Apesar da diferença mínima, devemos levar em consideração que ainda houve essa diferença, e que como é o grupo homo que sofre com a homofobia eles identificam de maneira mais coerente o que é ou não homofóbico.

É importante destacar que nenhum dos participantes respondeu que “não” para discordar que as palavras não são preconceituosas, apesar de ter essa opção no questionário, isso já nos revela que há um entendimento de ambos os grupos sobre o preconceito materializado em tais usos linguísticos.

Esse reconhecimento implícito do preconceito pode se dá a partir de três fatores. O primeiro deles é a idade, a discussão das respostas desta pesquisa foi restrita aos participantes com idades entre 20 e 25 anos, ou seja, são pessoas jovens, que muito provavelmente estudam, e que talvez convivam com pessoas LGBTQIAPN+ em algum ciclo social, o que conseqüentemente faz com que elas tenham mais entendimento sobre o que é preconceito, e mais especificamente a homofobia.

O segundo fator são as leis que protegem a comunidade LGBTQIAPN+, apesar de serem poucas e consideravelmente frágeis, no Brasil existem leis que criminalizam a homofobia. Uma delas, especificamente na Paraíba, é a Lei Estadual

nº 7.309/2003, atualizada pela Lei nº 10.909/2017 e Decreto nº 27.604/2006 que diz “Discriminação por orientação sexual e identidade de gênero é ilegal e acarreta multa”, é prescrito que esteja visivelmente posta em estabelecimentos comerciais e órgãos públicos da Paraíba. Ou seja, é algo que toda a população tem acesso e que identifica a criminalização da homofobia.

O terceiro fator é a representatividade. Com a força no combate a homofobia, podemos observar mais pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+ ocupando espaços que antes lhe eram negados. Essa movimentação afeta positivamente a luta de um grupo que sempre foi silenciado, mas que agora têm pessoas iguais a elas para servirem, muitas vezes, como referência de resistência.

Porém, é importante lembrar que ainda há um longo caminho até vivermos em uma sociedade totalmente igualitária. Mais leis precisam ser criadas, serem mais rigorosas, o combate a qualquer tipo de discriminação deve ser um discurso de todos e deve-se acabar com a pressão social a pessoas LGBTQIAPN+. Dessa forma, estaremos construindo um país realmente acolhedor para os membros dessa comunidade.

Para finalizar, foi perguntado aos participantes se o contexto influencia no uso das palavras, ou seja, se as palavras que eles colocaram como originalmente homofóbicas podem ter outro significado a depender de quem usa e/ou do contexto. Vejamos as respostas dos participantes selecionados no Quadro 2, a seguir:

### **Quadro 2: O contexto influencia no significado das palavras?**

<b>Indivíduos heterossexuais cis</b>	<b>Indivíduos homossexuais cis</b>
SIM! Gays se chamando de mulher traz outro sentido a expressão homofóbica "mulherzinha".	A depender de quem usa e do contexto, sim. Quando usadas por outras pessoas LGBTQIAPN+ em ciclos de amizades, geralmente são por questão de memes da Internet, ou brincadeiras. Quando usadas por outras pessoas fora desse meio, são sempre em tons ofensivos e de opressão.
Creio que sim, o contexto pode mudar o significado, mas não tira o fato da pessoa se sentir ofendida/ofendido	Não não... Geralmente elas são usadas para ofender mesmo.
Sim, são ofensivas moralmente	Quando um grupo se apropria das expressões e as ressignifica, seu significado pode mudar. Um grupo de pessoas LGBTQIAPN+ utilizando dessas palavras como empoderamento.
O contexto influência sim! Existe casos e casos, acredito que há pessoas com má intenção, que utilizam dessas palavras para ferir e degradar a	Sim, quando utilizadas por alguém da própria comunidade, a depender do tom, perde o teor homofóbico.

<p>imagem do outro só pelo preconceito e raiva que elas mesmas cultivam, neste caso, essas palavras pejorativas são utilizadas com o intuito homofóbico. Porém, existe aqueles que utilizam a expressão "viaado" com pessoas que já se tem intimidade, mas neste caso não é na intenção de ferir ou magoar o outro, e sim um meio de se comunicar, o termo viado, no meu entendimento, seria pra chamar a atenção do outro indivíduo, como por exemplo: ei! . Na minha opinião, acredito que, o que deva prevalecer sempre é o respeito entre as pessoas, devemos ter a noção de entender que certas palavras machucam e que não devemos confundir amizade com liberdade, nunca sabemos o que o outro passa em sua vida, e como seres humanos racionais concluo dizendo que o respeito sempre deve prevalecer diante desses termos pejorativos.</p>	
<p>Eu acredito que o contexto e o objetivo de ofender que torne a palavra pejorativa, pois viado é um animal.</p>	<p>Não</p>
<p>Não sei</p>	<p>Sim, a depender do contexto algumas palavras com o teor homofóbico podem ser utilizadas sem serem necessariamente preconceituosas, mas levando em consideração quem e como a utiliza.</p>
<p>Sim, ao depender do grau de intimidade as pessoas podem usar essas palavras como um tratamento normal</p>	<p>sim, depende muito do contexto da conversação entre os falantes</p>
<p>Sim. Trazendo um exemplo do meu convívio, eu tenho um nível de proximidade muito grande com um primo gay e eu sempre o trato com as palavras que citei acima (viado/bicha), mas não há queixas ou problemas nisso.</p>	<p>A depender de quem fala, acredito que essas palavras não sejam ofensivas, por exemplo, em um grupo de amigos é comum me chamarem assim e está tudo bem, no entanto, ao estender tais falas a indivíduos que, explicitamente, usam-nas de modo ofensivo, vê-se a intenção de afetar o outro. De modo geral, acho bem complexa essa questão.</p>
<p>A depender de quem está se referindo e também se caso a pessoa não se sentir ofendida então tudo bem. Mas o ambiente, a região pode sim influenciar nesses usos.</p>	<p>Sim. Quando ouço algum desses adjetivos vindo de uma pessoa que pertence à comunidade gay eu recepciono com naturalidade, muito embora não generalizo, já que, também há homofobia na própria comunidade.</p>
<p>Sim, quando usado na forma de brincadeira entre amigos, desde que a pessoa não se sinta constrangida.</p>	<p>Sim, pois a partir do momento que uma pessoa heterossexual profere tais palavras contra uma pessoa homo, é entendido como ofensa - o que, de fato, o é. Já quando alguém da própria comunidade LGBTQIAPN+ as profere, nem sempre é caracterizado como ofensa.</p>

Fonte: o autor (2024)

4

4Decidimos deixar as respostas dos participantes da forma como eles escreveram, ou seja, com os desvios ortográficos que fogem da gramática normativa. Isso permitiu que as reflexões necessárias para a realização deste trabalho ficassem mais próximas das concedidas pelos indivíduos participantes.

Ao se analisar as respostas concedidas pelos participantes no Quadro 2, nota-se que dos 20 participantes, 17 disseram que o contexto influencia no significado das palavras, ou seja, o significado social, visto que em alguns casos tal significado não apresenta o mesmo sentido do que foi dicionarizado. Isso nos mostra, mais uma vez, como o contexto está atrelado à construção dos significados sociais das palavras.

Além disso, evidenciamos o conhecimento da maior parte dos indivíduos em relação a como essas palavras são dirigidas. Por exemplo, quando alguém da comunidade LGBTQIAPN+ ou até uma pessoa hétero cis fala “viado” com um indivíduo homossexual do seu ciclo de amigos, esse termo, que originalmente era homofóbico, perde seu sentido original, pois ele passou por um processo de resignificação e agora os indivíduos homossexuais tomaram posse dele, e de muitos outros, para se afirmarem como tal.

Entretanto, a homofobia ainda está presente em nossa sociedade. Muitas pessoas fazem uso dessas expressões, assim como de muitas outras, para destilar seu ódio e repulsa contra os membros considerados fora do padrão sexual imposto. Segundo Borrilo(2010),

[a] homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado, mas ela pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio, como foi o caso na Alemanha Nazista (Borrilo, 2010, p. 16).

Dessa forma, o combate a esse preconceito enraizado deve ser constante, apenas assim a homofobia poderá deixar de ser um problema tão grave e que leva tantas pessoas à morte e viveremos em uma sociedade mais harmoniosa.

Essa luta, inclusive, deve ser de todos que compõem a sociedade, pois é sobre o direito das pessoas serem quem elas quiserem ser, sobre liberdade e igualdade, e a educação tem um papel fundamental nessa empreitada tendo em vista que é no chão da escola que muitos perfis são construídos.

Sendo assim, a sociolinguística educacional, assim como dito anteriormente, é uma ferramenta importante para o combate ao preconceito já que ela trata sobre os dialetos dentro da sala de aula, e é nesse ambiente que muitos membros da comunidade LGBTQIAPN+ aceitam sua sexualidade e vão construindo, assim como os demais indivíduos, seu perfil identitário. Portanto, não deve haver nesse espaço,

assim como em nenhum outro, caminhos para falas intolerantes que ferem a existência de outras pessoas.

Podemos observar, também, que alguns participantes citaram o empoderamento que os indivíduos LGBTQIAPN+ têm em relação às palavras que eram, e de alguma forma ainda são usadas para ofender. Vejamos a resposta detalhadamente a resposta do participante da fileira 03, que se identifica como homossexual:

***P. “Quando um grupo se apropria das expressões e as ressignifica, seu significado pode mudar. Um grupo de pessoas LGBTQIAPN+ utilizando dessas palavras como empoderamento.”***

Ou seja, o que os indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+ vêm fazendo durante anos é pegar tudo o que lhes foi usado para ofender, machucar, humilhar e transformar em força, em empoderamento. Ainda há um caminho muito longo e árduo dentro do contexto dos direitos que esses indivíduos ainda não têm, mas assumir sua identidade e ser resistência, inclusive dentro da língua, é o início de todo esse processo.



#### 4.1 O surgimento e a ressignificação dos termos mais frequentes

Como foi possível notar nas respostas dos participantes, “viado”, “bicha” e “boiola/baitola” são os termos que eles mais utilizam no cotidiano, mas qual a origem deles? Em que momento foi associado aos homossexuais? Realizaremos discussões sobre algumas hipóteses de cada uma das palavras para entender como aconteceu esse processo histórico.

**Viado:** a palavra mais recorrente entre os membros da comunidade e também por aqueles que a utilizam sem teor pejorativo. Evidentemente, essa palavra é uma derivação da palavra “veado”. De acordo com Silva (2014),

[v]iado tem essa origem, um meneio de pronúncia dessa língua toda própria, des-viada, o português do Brasil. E da pronúncia errada vem o insulto. Viado hoje é ampla e reconhecidamente admitido como injúria a homens gays; veado continua a ser o bicho. Só se sabe a diferença entre um e outro procurando pelo contexto; ou na escrita (Silva, 2014, p.3).

Dessa forma, o autor afirma que apenas pode-se notar a diferença entre “viado” e “veado” no contexto, por se trata de uma palavra utilizada para se referir aos homens gays, ou na escrita que ocorre a troca do “e” pelo “i”.

Dentro da comunidade LGBTQIAPN+, há também uma distinção entre ser “gay” e ser “viado”. De acordo com as ideias de Ladeira (2018), gay é o homossexual mais “padronizado”, que se “aproxima” do que a sociedade entende como aceitável e conseqüentemente tem um maior respeito social. Já o termo “viado”, segundo Ladeira (2018, p.2),

[o] “viado”, por sua vez, seria aquele que dá certos indícios de sua orientação sexual e por essa razão recebe da sociedade uma certa hostilização. Ele geralmente não é bem visto socialmente, por expor sua orientação sexual, que aliás, segundo o senso comum é entendido como opção sexual. É aquele que, segundo a própria sociedade, não detém o respeito social por não se comportar conforme o esperado pelas regras patriarcais impostas pela mesma. É aquele que desafia as normas, se recusa a docilizar o seu corpo e sua conduta, troca beijos e carinhos em público, anda de mãos dadas, em linhas gerais, é aquele que “saiu do armário” (Ladeira, 2018, p.2).

Curiosamente, essa palavra também é utilizada por homens heterossexuais cis para se referir a outro homem heterossexual cis sem teor homofóbico ou sexual, é isso que afirma Mendes e Ribeiro (2021):

um homem heterossexual pode chamar de “viado” outro que considera semelhante a ele sem, necessariamente, empregar sentido pejorativo à palavra. Desta vez, o vocábulo assume um outro significado, como uma gíria, visto que o grupo entende, majoritariamente, que mesmo que os integrantes dele utilizem essa palavra como vocativo, a identidade presente nele não será deturpada ou alterada porquanto a intenção precedente à palavra é diferente, não é depreciativa, mas amistosa, uma vez que nesse contexto, esse termo é ancorado em outras representações sociais (Mendes e Ribeiro, 2021, p.250).

Essa é mais uma forma em que a palavra “viado” é utilizada com um outro significado, como gíria, sem teor preconceituoso. Essa representação apresenta a força do empoderamento LGBTQIAPN+, que ressignificou tanto o termo “viado” que até mesmo os grupos héteros passaram a usar entre si.

Evidencia-se, portanto, que o termo “viado” tem um sentido homofóbico quando utilizado como violência, que pode ser notada no tom de voz, nos gestos, na agressividade de quem fala. Nesse caso, “viado” torna-se uma palavra pejorativa para atacar aos indivíduos gays. Porém, quando não acontece dessa forma, essa palavra ganha um novo sentido, de força e de muita resistência de um grupo que teve a capacidade de utilizar o que antes lhe feria para torná-lo mais forte.

**Bicha:** a palavra que facilmente seria confundida com “bicho”, é mais uma forma de empoderamento homossexual que carrega uma grande ressignificação e luta identitária.

Não há certeza de como surgiu o termo. Porém, não se pode negar que ela está carregada de significado. De acordo com os pensamentos de Green (1999), esse termo também está ligado aos papéis sexuais da relação homossexual:

[e]m atividades eróticas homossexuais tradicionais, o *homem*, ou na gíria, *obofe*, assume o papel “ativo” no ato sexual e pratica a penetração anal em seu parceiro. O efeminado (*bicha*) é o “passivo”, o que é penetrado. A “passividade” sexual desse último atribui-lhe a posição social inferior da “mulher”. Enquanto o homem “passivo”, sexualmente penetrado, é estigmatizado, aquele que assume o papel público (e supostamente privado) do *homem*, que penetra não o é. Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem “verdadeiro”, ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu *status* social de homem. Os papéis sexuais, portanto, são significativamente mais importantes do que o parceiro sexual que alguém possa ter. Os termos *homem* e *bicha*, baseados em papéis, definem esse universo sexual (Green, 1999, p.28).

Refletindo sobre as ideias do autor, podemos entender que ser “bicha” está mais ligado à posição sexual que o homossexual assume em uma relação. Além disso, podemos notar o preconceito dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+,

pois, enquanto o homem gay que assume o papel de ativo não sofre estigma, o homem gay passivo é taxado como inferior.

Entretanto, vale ressaltar, que assim como muitas outras palavras, atitudes, e crenças, os papéis de “ativo” e “passivo” também estão sendo ressignificados. Com mais conhecimento e liberdade sobre os próprios corpos, os homens gays, aos poucos, estão entendendo que o prazer sexual vai muito além desses papéis que foram estabelecidos e/ou copiados dos grupos heterossexuais.

O ato de ser bicha não é fácil, é lutar contra um sistema que apaga e oprime seus trejeitos, é mostrar toda resistência que está presente nesse grupo, assim como afirma Oliveira (2018):

Seguir os passos da bicha não é uma tarefa das mais simples. Exige um caminhar titubeante pelas bordas e um mergulho por frestas escuras onde é constantemente alocada. O trajeto de uma bicha não é feito em linha reta, e tão pouco por terrenos planos: é um ziguezague constante por terrenos acidentados (p.167).

Mesmo não sendo fácil, a comunidade LGBTQIAPN+, mais especificamente os homossexuais, adotaram o termo, que assim como “viado” e muitos outros, servem para representá-los e ser resistência. Segundo De Lima *et al.* (2016, p.4) “repudiar a palavra bicha e sua representação social, hoje, para o militante LGBT, significa adotar posição igualmente machista e higienista em relação a sua criação, um preconceito além da severa discriminação.”

**Boiola/ baitola:** iremos discorrer sobre a origem das duas palavras juntas por ambas serem de origem nordestina. Assim como o termo “bicha”, não há muita concretização de onde surgiram essas expressões, mas apresentaremos algumas ideias e principalmente suas (re) significações.

No ano de 2004, o Governo Federal elaborou um tipo de guia chamado “politicamente correto”, nele estavam presentes variados tipos de expressões e conceitos utilizados principalmente por aqueles considerados minoria ou para se referir aos mesmos. Segundo o que está presente no guia escrito por Queiroz (2004), “baitola” significa

[p]alavra de origem nordestina que, junto com “bicha”, “boiola” e outras é utilizada para depreciar os homossexuais. Em respeito às pessoas que sentem atração ou mantêm relações amorosas ou sexuais com pessoas do próprio sexo, utilize as seguintes identificações: gay – para homens e mulheres; entendido (a) – para homens e mulheres; lésbica – para

mulheres; travesti e transsexual – para transgêneros; bissexuais – para homens e mulheres (Queiroz, 2004, s/p).

Ou seja, “baitola”, originalmente, era carregada de depreciação e de preconceito para referir-se aos homens gays, assim como boiola que é citada no significado como um sinônimo.

Conhecer a origem dos termos homofóbicos, ou qualquer outro, pode contribuir no combate a discriminação, na medida em que podem ser ressignificados através do contexto histórico, do meio social e do empoderamento.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos apresentar algumas vertentes sociolinguísticas mais disseminadas, dando ênfase a vertente variacionista, com ênfase nos estudos de terceira onda, que utilizamos para alcançar nossos objetivos. Além disso, refletimos sobre as expressões mais utilizadas e tidas inicialmente como homofóbicas e como são empregadas socialmente por indivíduos heterossexuais cis e homossexuais cis.

Essa análise nos permitiu entender também como ocorre o processo de ressignificação das palavras e como a comunidade LGBTQIAPN+, especificamente os homossexuais, ressignificaram tudo o que era utilizado para lhes ofender. Ademais, foi possível observar que não há diferença entre as palavras homofóbicas utilizadas por cada grupo, mas que o contexto influencia diretamente no significado social de cada palavra.

Retomando os objetivos específicos da pesquisa, buscamos, inicialmente, (i) verificar as possíveis existências de diferenças entre as palavras utilizadas pelos grupos. Identificamos que não houve muitas diferenças entre as palavras, e que ambos os grupos entendiam que elas eram homofóbicas; em seguida, buscamos (ii) refletir sobre a influência que o contexto possibilita ao grau de ofensa dos vocativos. Aqui, conseguimos discutir sobre a influência do contexto, que foi apresentada até mesmo pelos participantes da pesquisa, ficando evidente que o significado das expressões também se dá por uma construção social; por fim, tivemos a intenção de (iii) contextualizar o processo histórico dos termos mais frequentes. Esse foi um ponto importante para entender como ocorre a homofobia e principalmente como ocorreu a ressignificação desses termos mais frequentes, entender isso faz-nos refletir sobre como a nossa língua está carregada de preconceitos e estereótipos.

Conseguiu-se analisar, juntamente com as ressignificações, os demais fatores que servem como ferramentas ao combate da homofobia, como a educação, a lei e o crescente número da diversidade e da representatividade em espaços que antes lhe eram negados.

Ademais, esta pesquisa buscou contribuir para um maior entendimento sobre o que é a sociolinguística e como ela pode contribuir para o combate ao preconceito linguístico e a violência simbólica através de um ensino mais inclusivo e

representativo, tomando como ponto de partida as reflexões suscitadas pelos mais diversos usos linguísticos.

Sendo assim, este trabalho mostra-se relevante para a representatividade das ressignificações de palavras homofóbicas, tais como “viado”, “bicha” e “boiola”, e de como esse processo contribuiu para a reafirmação da sexualidade de tais indivíduos.

Por fim, em futuras pesquisas, faz-se importante buscar essas ressignificações em outros grupos sociais, com outras sexualidades ou até mesmo com outras diversidades. Pode-se fazer também, uma pesquisa de campo sem intermediário, ou seja, diretamente com cada falante (face a face), isso pode fazer com que as respostas sejam ainda mais sinceras e objetivas.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 50.ED. São Paulo: Loyola, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018
- BORBA, Rodrigo. **Linguística Queer: Uma Perspectiva Pós-identitária para os Estudos da Linguagem**. Revista Entre Linhas – Vol9. N. 01. Disponível em <<https://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/10378/4862> > Acesso em: 12 de Março de 2023.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito/ Daniel Borrilo**; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. - (Ensaio Geral 1).
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula** - Stella Maris Bortoni-Ricardo - São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (Língua[gem]); 11
- CITTADIN, Laura; LINO, Zaqueu José. **Análise etimológica de palavras com sentido pejorativo em relação a membros da comunidade LGBTTQI+**. Revista Linguagem, Ensino e Educação-Lendu, v. 2, n. 1, 2018.
- COELHO, IzeteLehmkuhlet al. **Para conhecer sociolinguística**. Editora Contexto, 2015.
- DA HORA, Demerval; MATZENAUER, Carmen. **Linguagem: Variação e estrutura da língua**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p.264.
- DA SILVA, Leandro Soares. **Vinte e quatro notas de viadagem**. Revista Periódicus, v. 1, n. 2, p. 216-226, 2014.
- DE ARAUJO, Lúcia Mara BoinMenossi. **O Dialeto Caipira: Contribuições de Amadeu Amaral para a Produção de um Acontecimento Discursivo**. Trabalhos Completos ALED BRASIL, v. 2, n. 3, 2016.
- DE LIMA FREITAS, Elizama et al. **Ressignificação enquanto ferramenta de autoafirmação através da perspectiva da bicha**. 2016. p.10
- DE OLIVEIRA, Luís Carlos; DE MENDONÇA CYRANKA, Lúcia Furtado. **Sociolinguística educacional: ampliando a competência de uso da língua**. SOLETRAS, n. 26, p. 75-90, 2013.
- DE OLIVEIRA, MeggRayara Gomes. **Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação!**. Revista Periódicus, v. 1, n. 9, p. 161-191, 2018.
- DE OLIVEIRA, Samuel Gomes; ROCKENBACH, Livia Majolo; GUTIERRES, Athany. **AS TRÊS ONDAS DO ESTUDO DA VARIAÇÃO: A EMERGÊNCIA DO**

**SIGNIFICADO NO ESTUDO DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA.** Organon, v. 37, n. 73, p. 268-291, 2022.

DORLIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista.** Crocodilo, 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re) Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: **Mulheres, Linguagem e Poder-Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira.** Blucher Open Access, 2015. p. 17-74.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** Unesp, 1999.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos** | William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -Sao Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LADEIRA, T. A. **O gay, o “viado” e a “bicha” pão com ovo: desconstruindo estereótipos de gênero e sexualidade.** V CEDUCE. Campina Grande - PB. v. 2, 2018. p. 2 - 9. 2018.

MARROQUIM, Mário. **Lingua Do Nordeste,** a. UFAL, 2008.

MATTOS, Geraldo. **Dicionário Júnior da língua portuguesa** / Geraldo Mattos. - São Paulo: FTD, 2010.

MENDES, Augusto César Cardoso; RIBEIRO, Luiz Paulo. **Nomeações e significações da homossexualidade masculina: um ensaio sobre homofobia pela ótica da Teoria das Representações Sociais.** Revista Memorare, v. 8, n. 1, p. 247-264, 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** Autêntica, 2017.

QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto e direitos humanos.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

RODRIGUES, P. R.; ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Pequeno vocabulário pajubá palmense.** São Carlos: Scienza, 2023.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. **Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil.** FórumLinguístico, p. 187-207, 2011.

SARIAN, Maristela Cury. **A tradução e a sociolinguística: reflexões teóricas sobre a tradução dialetal.** Revista Horizontes de Linguística Aplicada, v. 6, n. 1, 2007.



SOUZA-SILVA, André Luiz. **Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+: atitude, identidade e estigma** / André Luiz Souza da Silva - João Pessoa, 2022.

VELOSO, Rafaela. **As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas**. In: XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina. ALFAL. 2014.

WITKOWSKI, Rejane. **Sociolinguística e suas principais correntes de estudo**. Centro Universitário Leonardo da Vinci, 2013.

## APÊNDICES

### Apêndice A

Questionário para os indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+

1. De qual cidade PARAIBANA você é?\*

2. Qual a sua idade?\*

3. Com qual gênero você se identifica?

Obs: Homens e mulheres cis são pessoas que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceram, já homens e mulheres transgênero são pessoas que NÃO se identificam com o sexo biológico com o qual nasceram.\*

Homem cis

Mulher cis

Homem trans

Mulher trans

Não binário

Outro:

4. Qual a sua sexualidade? \*

Lésbica

Gay

Bissexual

Pansexual

Outro:

5. Liste aqui as palavras/expressões HOMOFÓBICAS (apenas de teor originalmente ofensivos ligado aos gays) que você conhece.\*

6. Você conhece a origem destas palavras/expressões?\*

Sim

Não

- Mais ou menos
- Apenas de algumas

7. Estas palavras são homofóbicas?\*

- Sim
- Não
- Depende

8. Você acredita que o contexto influencia o uso das palavras? Por exemplo, essas palavras originalmente homofóbicas podem ter outro significado a depender de quem usa e/ou do contexto? EXPLIQUE. \*

## Apêndice B

### Questionário para os indivíduos heterossexuais cisgênero

1. De qual cidade PARAIBANA você é?\*

2. Qual a sua idade?\*

3. Confirme aqui sua sexualidade (Caso você NÃO seja uma pessoa cishétero deve responder o outro forms)

Obs: Homens e mulheres cis heterossexuais são pessoas que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceram e que se relacionam com indivíduos do sexo oposto.\*

Sim, sou uma pessoa heterossexual cisgênero

4. Liste aqui as palavras/expressões HOMOFÓBICAS (apenas de teor originalmente ofensivos ligado aos gays) que você conhece.\*

5. Você conhece a origem destas palavras/expressões?\*

Sim

Não

Mais ou menos

Apenas de algumas

6. Estas palavras são homofóbicas?\*

Sim

Não

Depende

7. Você acredita que o contexto influencia o uso das palavras? Por exemplo, essas palavras originalmente homofóbicas podem ter outro significado a depender de quem usa e/ou do contexto? EXPLIQUE.\*